

CONTAR HISTÓRIAS: MOMENTO ÍMPAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Maristela Maurer Mühlbeier¹
Silvia Maria Przylinski²
Marlize Cristina Heck Uhde³

Resumo: O presente artigo se constitui a partir de uma pesquisa teórica tendo como questão principal pesquisar e analisar a importância da contação de histórias na educação infantil, buscando enfatizar a relevância para a formação de adultos leitores e, sobretudo, para a formação de cidadãos conscientes. A pesquisa foi embasada em autores como Abramovich, Coelho, Sandroni e Machado, Sisto e Bettelhein, onde se percebeu que todos defendem que as contações de histórias auxiliam as crianças a se desenvolver de uma forma lúdica e prazerosa, auxiliando-as a desenvolverem a oralidade, a imaginação, a concentração, além de conhecer e reconhecer o mundo. O estudo apontou a importância de se propor momentos de leitura e aprendizado através da contação de histórias na vida das crianças, para que no futuro possam se tornar leitores críticos. Este trabalho também enfatiza como o contador de histórias deve escolher os livros e se organizar, para que as crianças gostem e se sintam motivadas a escutar as histórias e assim a gostar de livros.

Palavras-chave: Contação de histórias. Criança. Desenvolvimento Infantil. Adultos leitores.

Abstract: This article is based on a theoretical research whose main question is to investigate and analyze the importance of storytelling in children's education, seeking to emphasize the relevance for the training of adult readers and, above all, for the formation of conscious citizens. The research was based on authors such as Abramovich, Coelho, Sandroni and Machado, Sisto and Bettelhein, where it was noticed that all defend that the storytelling helps the children to develop in a playful and pleasurable way, helping them to develop orality, imagination, concentration, as well as knowing and recognizing the world. The study pointed to the importance of proposing moments of reading and learning through storytelling in children's lives, so that in the future they can become critical readers. This work also emphasizes how storytellers should choose books and organize themselves so that children enjoy and feel motivated to listen to stories and so enjoy books.

Keywords: Storytelling. Child. Child development. Adult Readers.

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia (UNIJUÍ), Especialista em Gestão Escolar - Orientação e Supervisão (UNINTER), Professora da Escola Municipal Infantil Branca de Neve. maristelammuhlbeier@hotmail.com

² Graduação em Pedagogia (UNOPAR), Pós-graduação em Educação Infantil (UNINTER), Professora da Escola Municipal Infantil Branca de Neve. silvi maria.p@hotmail.com

³ Acadêmica do Curso de Pedagogia (UNINTER), Professora da Escola Municipal Infantil Branca de Neve. heckmarlize@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

A educação infantil é uma das etapas mais importantes para o desenvolvimento integral da criança. É na educação infantil que a criança tem o primeiro contato com o mundo. Começa a conhecer, experimentar e vivenciar situações que ajudaram na vida adulta.

Pensando nisso, buscou-se compreender a importância da contação de histórias na educação infantil. Muitas crianças não têm acesso a livros, revistas e jornais em casa devido à pobreza e pais desinteressados que julgam ser apenas a televisão suficiente para o lazer de seus filhos. Desta forma, a intenção do trabalho apresentado é entender as vantagens das contações de histórias nas escolas de educação infantil, proporcionando momentos de prazer, imaginação e fantasia, com o objetivo de conhecer o mundo por meio dos livros.

Muitos adolescentes e jovens possuem dificuldades nos estudos por falta de estímulo para a leitura. Esse hábito e gosto pela leitura devem ser incentivados ainda na infância, possibilitando o desenvolvimento de jovens e adultos leitores. Alguns anos atrás os pais voltavam do serviço, sentavam com os filhos, brincavam, conversavam sobre o que é certo e o que é errado, ensinando valores, davam colo e contavam histórias. Era um momento de o filho sentir carinho, aconchego no colo.

Hoje a realidade é diferente, os pais sentem-se felizes quando os filhos ficam quietos em frente da televisão e dos computadores, para descansar. As crianças estão crescendo longe dos pais e sem orientação. Crianças que não socializam, não brincam com as outras, ficam trancadas dentro de casa olhando televisão. Simplesmente escutam os DVDs sem questionar, sem pensar o porquê das coisas. Como querer jovens críticos e reflexivos se as crianças não são incentivadas a pensar?

O mundo hoje é tecnológico onde informações, músicas e notícias chegam às casas numa rapidez surpreendente. A mídia usa muitos artifícios para chamar a atenção da população e os livros ficam esquecidos nas prateleiras. Muitos pensam que os livros são algo ultrapassado e nem oportunizam esse contato para as crianças. Acham que a televisão, vídeo games e computadores são mais interessantes e que a criança aprende mais fácil.

Conforme Kraemer (2008), hoje a tradição de contar os contos de fadas está sendo substituída em parte pelo hábito de se ligar a televisão, de deixar as crianças assistindo intermináveis horas de desenho animado ou filmes. Não se pode impedir que as crianças

assistam à televisão, aos desenhos animados e a filmes, mas é necessário delimitar o tempo e reservar algumas boas horas para o convívio pessoal e o cultivo da narração e da tradição oral.

A leitura das histórias tornada um hábito permite a formação de um leitor atento, sensível e capaz de compreender e interpretar textos, além de enriquecer o vocabulário e auxiliar o desenvolvimento da correta ortografia (KRAEMES, 2008). Quem conhece a importância da literatura na vida de uma pessoa sabe o poder que tem uma história bem contada, os benefícios que uma simples história pode proporcionar; com certeza há que se dizer que não existe tecnologia no mundo capaz de substituir o prazer de tocar as páginas de um livro, de imaginar o que vai acontecer e encontrar nelas um mundo repleto de conhecimento, de magia e encantamento. O prazer de pegar na mão e folhear, poder voltar páginas, rever o que mais gostou quantas vezes quiser.

Sabe-se que na educação infantil devem ser proporcionadas vivências, experiências que auxiliem a criança a se desenvolver integralmente. É uma fase de grandes descobertas, onde ela começa a conhecer o mundo, as pessoas, os sentimentos, seu corpo, seus limites e potencialidades.

O contato com os livros é um meio de auxiliar a criança a descobrir o mundo. Sandroni e Machado (1987) dizem que é na infância que as atitudes e os valores se transformam. Ouvindo histórias a criança se coloca no lugar do personagem, numa situação parecida que ela viveu. Ela percebe que não é só ela que passou por situações difíceis, aprende que é possível vencer obstáculos, que todo problema tem solução.

Como as histórias são simples, fáceis de compreender e vendo que os personagens ruins sempre se dão mal, a criança chega sozinha à conclusão de que se deve ajudar os outros, não precisando de muitos comentários. Com a história a criança começa a pensar, repensar, a criticar o personagem ou se identificar. Porque aconteceu aquilo com ele? Quem o ajudou? Quem era o personagem ruim? Com as histórias a criança começa a entender o que podem e o que não podem fazer, de forma lúdica. A partir dos personagens bons e maus, belos e feios, ajuda-se a criança a compreender os valores do convívio social, do respeito pelo próximo, de ser amigo e de ajudar.

Pela presença de seres, objetos e lugares sobrenaturais, tais como bruxas, fadas, dragões, varinhas de condão e reinos enfeitados que existem fora da lógica real do tempo é um fator relevante. Estes aspectos são facilmente adaptáveis à mentalidade infantil porque apresentam um número restrito de personagens, opostos por motivações simples como generosidade e o egoísmo, a confiança e a tradição, o amor e o ódio. Ao final, as boas condutas são gratificadas com recompensas, enquanto a malvadeza implica duros castigos sobre seus agentes. Essas narrativas valorizam a esperteza, a iniciativa e a solidariedade, mas não explicitam nenhum julgamento. O texto objetivo e claro faz o leitor perceber suas mensagens sem grandes esforços (ALENCAR, 2000, p. 46).

Além disso, com as histórias a criança aprende a sentir emoções importantes, como a tristeza, a raiva, o bem-estar, o medo, a alegria e tantas outras mais; ela se identifica com os personagens, vive profundamente tudo o que as narrativas lhe provocam. Sente raiva durante a história do personagem mau que está fazendo o outro sofrer, torce por um personagem e no final vem a emoção, a alegria que o personagem bom venceu. As histórias ajudam a criança a enfrentar seus medos e ansiedades.

As histórias clássicas (contos de fadas, por exemplo) permitem o contato da criança com um mundo de sonhos onde se reproduzem valores sociais importantes. Assim, em um conto de fadas, a criança aprende sobre os conceitos de bom ou mau, belos ou feios, corajosos ou covardes (BETTELHEIM, 1980).

Outro ponto importante que deve ser pontuado é que os heróis das histórias incentivam a criança a não desistir nos problemas da vida real. O herói sofre, luta, vence e assim a criança começa a entender que é preciso lutar na vida para alcançar objetivos. As crianças precisam crescer sabendo que sempre irão passar por alguma situação ruim na vida e que é preciso superá-la, não desistir na primeira dificuldade.

Vê-se muitos jovens que na primeira dificuldade da vida estão se entregando às drogas, ao suicídio, achando que não tem mais o que fazer para resolver o problema. Jovens que não sabem enfrentar seus problemas. Os pais e professores devem sempre estimular as crianças a enfrentar seus medos e angústias, superando suas dificuldades, aprendendo a não desistir para na idade adulta enfrentar seus problemas e vencer.

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, essa história deve de fato entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas, para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas aspirações (BETTELHEIN, 1980, p. 94).

O professor tem a função de oportunizar condições para que a imaginação da criança se desenvolva, não a inibindo em suas descobertas, mas ajudando, questionando-a

a perceber por si mesma a chegar as suas conclusões. Depois da contação da história deve-se deixar as crianças falar, fantasiar, dramatizar, organizar sua fala. É importante deixá-las imitar e representar os personagens das histórias, se colocar no lugar dos personagens. Brincarem de serem príncipes e princesas, de cavalgar no seu cavalo e defender os seus reinos. Quem nunca viu uma criança pegar algo e imaginar que é uma espada e que vai afugentar o monstro? As crianças adoram recontar as histórias, fantasiando, imitando os personagens, se expressando corporalmente e oralmente.

(...) quando os contos de fadas estão sendo lidos para as crianças em salas de aulas ou em bibliotecas durante a hora da história, as crianças parecem fascinadas. Mas com frequência elas não recebem nenhuma oportunidade de meditar sobre os contos ou reagir de outra forma; ou eles são amontoados imediatamente com outra atividade, ou outra história de um tipo diferente lhes é contada, o que dilui ou destrói a impressão que a história de fadas criou (...). Mas quando o contador dá tempo às crianças de refletir sobre as histórias, para que mergulhem na atmosfera que a audição cria, e quando são encorajadas a falar sobre o assunto, então a conversação posterior revela que a história tem muito a oferecer emocional e intelectualmente, pelo menos para algumas crianças (BETTELHEIM, 1980, p. 75).

Quando a criança gosta de uma história ela pede para olhar o livro e recontar várias vezes. Assim ela vai aprendendo a sequência dos fatos, começo, meio, fim, antecipando o que vem depois e já se prepara pra emoção que vai acontecer. Confirma as informações que ela observou na primeira vez e reforça sua identificação com algum personagem, com alguma figura. É um jeito de ela sentir prazer, antecipar as emoções que ela sentiu na primeira vez.

Nas repetições das histórias a criança sempre aprende algo novo que na primeira vez não percebeu. Percebe algo novo no personagem, algo novo nas figuras e assim vai aprendendo palavras novas. Cada vez ela vai construindo novos conhecimentos através do que ela já sabe. A criança precisa confirmar, ter certeza que as coisas são assim mesmo, que podem se repetir.

Quem convive com crianças sabe o quanto elas gostam de escutar a mesma história várias vezes, pelo prazer de reconhecê-la, de apreendê-la em seus detalhes, de cobrar a mesma sequência e de antecipar as emoções que teve da primeira vez. Isso evidencia que a criança que escuta muitas histórias pode construir um saber sobre a linguagem escrita (BRASIL, 1998, p.143).

As crianças demonstram um grande fascínio quando olham as figuras, as ilustrações, pois são coloridas, cheias de formas, imagens que mostram algo novo para

elas. As figuras ajudam a criança a acompanhar a história e a imaginar com mais facilidade, a nomear objetos, conhecer novas palavras, ampliando o vocabulário e desenvolvendo a linguagem. Um livro sem ilustrações não significa nada para as crianças da educação infantil, pois as letras não significam nada ainda para elas. O texto deve ser pequeno para conduzir quase a observação das figuras.

Mas o livro só será interessante e desafiador se, de algum modo, atender a essa forma de compreender o mundo da criança, do leitor. As crianças pequenas gostam de livros de borracha, plástico resistente ou livro de pano que possam, por exemplo, ser manuseados pela própria criança, ou o que é mais provável, levados à boca sem riscos. A criança precisa explorar de todas as formas os livros.

Também deve se mostrar para as crianças livros que possuem somente imagens. “As imagens, [...] assumem essa capacidade de contar algo, em seu conjunto ou mesmo individualmente, desde há muitos séculos” (LIMA e TEIXEIRA, 2009, p.112). Esse tipo de texto pode ser muito aproveitado na educação infantil, já que nesta fase as crianças estão em constante desenvolvimento da linguagem. Estes livros estimulam a fala, a imaginação e a capacidade de observar as figuras, analisar o que pode estar acontecendo, a criar hipóteses, a observar mais detalhes nos personagens, a pronúncia de sons (de animais, de meios de transporte, de instrumentos musicais, etc.), de palavras, de frases, contribuindo na aquisição de aprendizagens significativas.

É importante deixar as crianças contar e recontar as histórias do seu jeito, desenvolvendo o espírito narrativo, a tentar pronunciar as palavras corretamente, a se expressar perante o grupo de colegas. Aprender a esperar sua vez de falar na roda, deixar o colega se pronunciar do seu jeito. São coisas simples para os adultos, mas para as crianças é um mundo novo cheio de descobertas, cujo aprendizado ocorre em uma contação de histórias.

Quanto mais estímulos a criança tiver melhor será seu desenvolvimento e, como consequência, terá mais facilidade para aprender a ler e escrever.

Para que a criança desenvolva a linguagem oral, [...] é necessário que o meio em que ela vive seja estimulante, ou seja, que as pessoas presentes no cotidiano dela proporcionem oportunidades reais de comunicação, por meio de conversas, brincadeiras, contação de histórias, músicas, valorizando as emissões que a criança produz desde cedo etc. (LIMA e TEIXEIRA, 2009, p.46).

As histórias auxiliam as crianças a terem novas ideias, a descobrir novas formas, novos objetos. Quanto mais livros, histórias e vivências a criança tiver mais ela vai aprender e assim vai tendo uma bagagem de informações, conhecimentos que auxiliam ela a se posicionar diante de um novo fato. A construção do conhecimento é feita através de experiências na vida. Se a criança nunca viu uma vaca em desenhos, o dia que ver uma na vida real não vai saber o que é. Não vai ter nenhuma noção do que pode ser, pois não teve acesso a essas vivências.

O professor deve ir contando as histórias e mostrando as figuras, dizendo o que é, falando de forma clara para a criança escutar as palavras, olhar, perceber as formas e os sons.

A criança é criativa e precisa de matéria-prima sadia, e com beleza, para organizar seu “mundo mágico”, seu universo possível, onde ela é dona absoluta: constrói e destrói. Constrói e cria, realizando tudo o que ela deseja. A imaginação bem motivada é uma fonte de libertação, com riqueza. É uma forma de conquista de liberdade, que produzirá bons frutos, como a terra agreste, que se aduba e enriquece, produz frutos sazonados (CARVALHO, 1989, p.21).

Além disso, a literatura oral na sala de aula ajuda a criança a conhecer lugares diferentes. Ela conhece campos, florestas, rios, mares, cidades, diferentes. Conhece castelos, casas, favelas, costumes de diferentes regiões. Com as histórias é possível viajar sem sair do lugar, aprender história e geografia de uma forma simples e natural, sem ser algo cansativo e chato. Pode-se trabalhar a matemática, as noções básicas dos números, contando os personagens, e arte, observando as figuras. Ou seja, busca-se a interdisciplinaridade, ajudando a criança a entender que tudo se relaciona.

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo historia, geografia, filosofia, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 1999, p.17).

Com as histórias as crianças são estimuladas a se concentrar, a prestar atenção. É possível perceber que na hora da contação de histórias as crianças se envolvem, ficam admiradas prestando atenção para saber o que vem depois. Com o passar do tempo a criança começa a pedir para o adulto contar histórias, começa a interagir nas histórias, acrescenta detalhes que o contador esqueceu, lembra os fatos, a sequência dos

acontecimentos. Começa a dar sua opinião, a se expressar perante o grupo de colegas, perdendo a timidez.

Outro fato relevante é o vínculo afetivo que se estabelece entre o contador das histórias e a criança. Atualmente as crianças estão crescendo longe dos pais, com poucos meses de vida a criança já esta nas escolinhas e creches, pois o custo de vida está mais elevado e pai e mãe são obrigados a trabalhar. As crianças estão carentes de colo, de carinho, de ter alguém que demonstre estar lhes cuidando, dando amor.

O professor muitas vezes é a pessoa mais próxima da criança. Muitas chegam em casa somente para dormir, cansadas de estar o dia inteiro na escola e sequer conseguem ter este tempo com os pais. As contações de histórias são um momento em que a criança se sente mais próxima do professor, sente que alguém lhe quer bem e feliz, proporcionado este momento de prazer.

Para Radino (2003, p. 175):

O ato de ouvir histórias auxilia a criança no seu processo de alfabetização, pois quanto mais histórias ouvir, mais ela aguçará sua capacidade de imaginar a situação apresentada e desenvolver seu mundo simbólico. Histórias que contêm material rico para estimular a fantasia propiciam satisfações imaginárias que demonstram o valor e o mérito da leitura.

A contação de histórias é também um importante recurso para a formação de futuros leitores. Se a criança tem contato constante com livros e contações de histórias vai crescer gostando e sentindo vontade e prazer de ler um livro. Sabe-se que as crianças que tem em casa acesso aos livros e que a família demonstra diariamente a importância dos livros para a vida, sentem mais vontade de buscar esse prazer. O interesse por livros, demonstrado pelo educador, o prazer sentido ao escutar uma história e a vontade de vivenciar um momento mágico novamente, faz surgir no aluno um interesse por voltar a lê-lo.

Abramovich (1999, p. 16) ressalta: “Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo”.

É importante que a família incentive os filhos a gostar de livros, oferecendo para os bebês livros de pano, de plástico, para morder, folhear, sentir prazer em tocar. Também é

necessário que a criança toque no livro para ter um contato mais íntimo, perceber que eles fazem parte de um mundo mágico, cheio de descobertas.

De acordo com Sandroni e Machado (1987) o amor pelos livros não é coisa que apareça de repente, é preciso ajudar a criança a descobrir o que eles podem nos oferecer. A família e a escola devem proporcionar esse momento às crianças.

Para as crianças pequenas as histórias devem ser simples, com poucas figuras e com situações do seu dia a dia. Não se deve mostrar algo muito complexo, cheio de detalhes que a criança não vai conseguir distinguir o que é.

As histórias devem apresentar enredo simples, vivo e atraente, contendo situações que se aproximem do cotidiano das crianças, da vivência afetiva e doméstica, do meio social, de brinquedos e animais que as rodeiam, e recheadas de ritmos e repetição (COELHO apud PEIXOTO, 2006, p.11).

De acordo com Bamberger apud Jardim (2001) a criança passa por cinco fases da leitura. A primeira vai dos dois aos cinco ou seis anos e caracteriza-se pela fase egocêntrica e pela fase do pensamento mágico. A segunda vai dos cinco aos oito ou nove anos e caracteriza-se pela fase de leitura do realismo mágico. A terceira vai dos nove aos doze anos pela qual a criança ordena racionalmente a história com um fundo mágico e aventureiro. A quarta fase vai dos doze aos quatorze ou quinze anos que é a fase da adolescência pela qual o interesse maior está em histórias de aventuras e romance. E a última fase caracteriza-se pela maturidade (de quatorze a dezessete anos em diante) pela qual leituras são de conteúdos mais intelectuais. Como este estudo está se dedicando à educação infantil, cabe ressaltar sobre a primeira fase:

Nessa fase, a criança faz pouca distinção entre o mundo exterior e o interior, vivendo um período de grande egocentrismo. É também a idade do pensamento mágico. Os primeiros livros oferecidos ao bebê devem conter gravuras que apresentem objetos simples, isolados, pertencentes ao meio em que a criança vive e que possam ser identificados por ela (brinquedos, animais, etc.). A seguir, podem ser apresentados livros que agrupam objetos, relacionando-os com várias coisas que são familiares às crianças. Paralelamente, são muito adequadas a essa faixa etária brincadeiras que envolvam parlendas, quadrinhas e cantigas de roda, já que a criança gosta de versos infantis em virtude do ritmo, do jogo de palavras e de sons. Também se observa, nessa fase, um especial interesse por histórias envolvendo animaizinhos, que promovem um processo inconsciente de identificação (BAMBERGER apud JARDIM, 2001, p.77).

O professor deve escolher as histórias pensando no nível que as crianças estão: Será que essa história vai interessar a essas crianças? Será que vai chamar a atenção? No começo as crianças da educação infantil gostam de livros com texturas, onde podem passar a mão e sentir o áspero, o macio, livros de pano, de plástico, livros com dobraduras e tantas

outras possibilidades. Até os três anos as crianças vivem no mundo concreto, gostam de coisas do seu dia-a-dia, coisas reais, que elas vivenciam como limpar a casa, fazer bolo. Depois dos três anos já começam a viver no mundo da imaginação e gostam de histórias como os contos de fadas.

Outro ponto que o contador de histórias deve se preocupar é como contar. O contador precisa envolver-se nas histórias, contar com entusiasmo, com entonação e emoção, para a criança se sentir atraída pela história. Sisto (2005, p.22) afirma que o contador de histórias não pode ser um repetidor mecânico do texto que escolheu para contar.

Ao contar uma história deve-se falar com entonação e descrever algumas características dos personagens e o lugar onde se passa a história, para que as crianças tenham elementos para usar a sua imaginação. Usar a voz, fazer sons diferentes, imitar animais, explorar várias possibilidades. O contador precisa criar um clima de envolvimento, dar pausas, criar os intervalos, respeitar o tempo necessário para que o imaginário de cada criança possa construir seu cenário, visualizar suas fantasias, criar seus personagens.

O contador pode usar objetos que auxiliam a criança a interagir com a história. Fantoques, dedoches, avental, cartões com figuras, dramatizações e tantas outras maneiras que chamam a atenção das crianças pequenas. Os fantoches atraem as crianças proporcionando o prazer de dar vida e voz a eles. Com o fantoche a criança é incentivada a superar a timidez, auxiliando na comunicação e expressando sentimentos. O teatro de fantoches ensina a criança a prestar atenção no mundo sonoro, é um excelente recurso didático onde os professores podem abordar diferentes assuntos.

As contações com o avental também ajudam a criança a perceber qual o personagem que esta na história, de repente um sai e entra o outro, a notar a ausência e a volta do personagem. As dramatizações também são um ótimo recurso para as contações de histórias. Mas o professor deve ter o cuidado de não assustar as crianças com as fantasias de bruxa e lobo por exemplo. Algumas crianças que nunca vivenciaram essas situações podem se assustar. O professor deve se vestir na frente da criança, mostrando a fantasia e dizendo que vai contar a história.

O contador precisa conhecer a história, ler antes para apresentar com naturalidade, saber como fazer, como usar a voz, o que vai acontecer depois, para criar um clima de suspense. Coelho (2001) afirma que se deve levar em consideração os seguintes aspectos:

intensidade, clareza e conhecimento. A intensidade é o timbre da voz, o ritmo, a entonação. A clareza é uma boa dicção e conhecimento da história para saber como fazer a contação.

Sisto (2005) também afirma que o contador deve fazer contato visual com o público, descobrir a musicalidade das frases, atentar para o ritmo da fala. As crianças prestam atenção no tom da voz, nas expressões faciais, no corpo do contador, na emoção que o contador coloca na história. Por isso não pode ser contada de qualquer jeito.

As histórias podem ser contadas em diversos lugares. No pátio da escola, na sala, no jardim, no bosque, ou seja, procurar variar os lugares para não ser algo sempre igual, tornando-se cansativo e desestimulante. Outro fator importante é que o trabalho com a literatura infantil não deve restringir-se a um gênero apenas. Deve-se oportunizar a leitura através dos contos de fadas, mitos, lendas, histórias de aventura e do cotidiano familiar e social. Sempre oferecendo materiais de leitura diversos.

O professor é o personagem que tem o poder de transformar a sala de aula em um ambiente estimulante, com as mais variadas situações, em que a criança possa manifestar livremente a compreensão e os questionamentos que faz a partir da leitura de textos literários. Dispor livros, jornais, revistas na sala para as crianças escolherem livremente, olhar, folhear, manipular para observar as figuras e os detalhes. A criança precisa ter a liberdade de escolher o que mais gosta. Ser independente, não ficar só esperando o professor fazer as escolhas.

Muitos professores não gostam de contar histórias, dizem que não sabem como realizar, já outros tem uma facilidade para envolver as crianças. Mas todos conseguem. Basta treinar um pouco e usar alguns recursos práticos que consegue contar transmitindo segurança e entusiasmo. Os recursos tem seu valor, mas o principal é o contador se envolver e demonstrar carinho, afeto com as crianças. Elas se sentem especiais quando o professor demonstra atenção e aconchego no olhar, na voz com elas.

Muitas vezes as crianças pedem histórias para os pais simplesmente para o pai ficar um tempinho do seu lado. Como as crianças estão ficando muito tempo longe dos pais nas creches elas ficam carentes de afeto e pedem para poder ter esse momento a sós com ele. A criança precisa se sentir amada e acolhida, e as histórias proporcionam isso de uma maneira muito peculiar através do contador de histórias.

Desenvolver o interesse e o hábito pela leitura é um processo constante, que começa em casa, aperfeiçoa-se na escola e continua pela vida inteira. Com as contações de histórias a criança começa a conhecer o mundo letrado, aprende a valorizar os livros,

valorizar a escrita de uma forma prazerosa, sem ser algo cheio de cobranças. A criança percebe que a escrita trás prazer e vai querer descobrir mais coisas.

A literatura não precisa transmitir informações, basta ser algo que a criança vai sentir emoção, alegria, imaginação, algo que ela simplesmente goste sem saber por que. As histórias ajudam a criança a conhecer os objetos e saber como desenhar. Como ela vai imaginar, desenhar um castelo se nunca viu um? A criança precisa ver para ter noção de como é para poder imaginar e fantasiar. E a literatura tem esse inegável poder.

2 METODOLOGIA

Este estudo possui característica bibliográfica, que se conceitua como aquela "desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos" (GIL, 2009, p. 50).

A pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras. É necessário refletir sobre ela para que se possa articular e correlacionar as informações obtidas com o objeto de estudo (FONSECA, 2012, p. 21).

Da mesma forma, conceitua-se a pesquisa bibliográfica como “o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral” (VERGARA, 2011, p. 43).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer dum texto! [...] (ABRAMOVICH, 1999, p.23). As crianças conseguem fazer relações da história com os acontecimentos da sua realidade, com os conflitos do dia a dia. Percebe-se que depois das contações as crianças utilizam as falas, os cuidados que se teve na história com as bonecas e com os colegas.

A criança intuitivamente compreende que, embora estas estórias sejam irreais, não são falsas; que ao mesmo tempo em que os fatos narrados não acontecem na vida real, podem ocorrer como uma experiência interna e de desenvolvimento pessoal; que os contos de fadas retratam de forma imaginária e simbólica os passos essenciais do crescimento e da aquisição de uma existência independente (BETTELHEIM, 1980, p. 89).

A partir disso, observa-se que pais e professores devem levar as crianças em bibliotecas, livrarias, dar de presente livros, fazer contações de histórias para que a criança cresça gostando dos livros. Isso porque as crianças imitam os adultos; se estes nunca pegam um livro para ler e não demonstram gosto pelos livros é difícil fazer com que a criança goste. Os adultos são o exemplo, a partir do momento que demonstram que os livros são algo bom, prazeroso e capaz de ensinar, a criança começa a sentir o mesmo.

Os professores podem oportunizar momento em que a contação de histórias seja mais atrativa e constante em sala de aula. Isso auxilia e envolve a criança, fazendo com que esta goste de vivenciar esse momento de magia e encantamento. Não se acomodar achando que não tem utilidade nenhuma para as crianças, ou que vai perder tempo com isso. As crianças precisam desses momentos, aonde cada uma dentro de si vai formando suas ideias, seu conhecimento, seu entendimento. É importante compreender que cada criança tem seu ritmo, seu tempo para formar seu conhecimento. Cada criança é diferente da outra e o professor precisa saber respeitar.

Com tudo isso fica claro que as histórias devem ser contadas sempre, por que:

Ouvir histórias é viver um momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução... O livro da criança que ainda não lê é a história contada. E ela é (ou pode ser) ampliadora de referenciais, poetura colocada, inquietude provocada, emoção deflagrada, suspense a ser resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos apontados, sorriso gargalhado, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas mais que uma boa história provoca... (ABRAMOVICH, 1999, p. 24).

Ao se contar história demonstra-se para as crianças um mundo repleto de descobertas e de conhecimentos. Dessa forma, é importante e necessário proporcionar constantemente o contato da criança com os livros para que ela vá crescendo e incentivando-se a gostar dos livros; e assim, tornando-se um adulto leitor, que seja reflexivo e crítico e que saiba fazer suas escolhas certas na vida adulta.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contar histórias significa instigar o ouvinte à imaginação. A história desperta a curiosidade e a fantasia, desenvolvendo a capacidade criativa da criança. O hábito de contar histórias não implica somente no desenvolvimento da imaginação: implica, também, no desenvolvimento do gosto pela leitura, auxiliando os alunos ao longo de sua formação escolar.

Com tudo isso se percebe que as contações de histórias na educação infantil são fundamentais para que as crianças se desenvolvam integralmente. Deve-se oportunizar situações onde a criança tenha contato constante com livros, jornais, revistas e outros materiais que a estimulam, ajudando a se descobrir, a se conhecer e conhecer o mundo que a rodeia.

Acredita-se com este artigo que é necessário estimular pais e professores a começar a contar histórias para as crianças. Os pais devem procurar se organizar e ter um tempinho diariamente para ficar com os filhos, contar histórias e ajuda-los a descobrir o mundo, orientando-os. Os professores precisam se atualizar, pesquisar, refletir sobre sua prática e buscar fazer as contações de histórias para os alunos com motivação e entusiasmo, procurando ser algo prazeroso e assim incentivando o gosto pela leitura. Incentivando a interação entre os colegas, a buscar, experimentar situações diferentes, a viver emoções e saber resolver seus conflitos.

Só é possível a formação de adultos leitores e críticos se houver incentivo desde a educação infantil as crianças a pensar, a buscar, experimentar, vivenciar situações que a ajudem a crescer integralmente.

Sabe-se que a educação infantil é uma etapa da vida marcada pelos jogos, pelas brincadeiras e pelo lúdico. Incentivar o uso das contações de histórias como fonte de aprendizagem, como algo lúdico que a criança goste e peça sempre mais é objetivo deste artigo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1999.

ALENCAR, M. Quem quiser que conte outra. In: **Educação São Paulo**: Segmento v.26, n.228 (abr. 2000) p. 42-58.

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito da leitura**. 7.ed. São Paulo: Ática, 2001.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 9.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARVALHO, B. V. **A literatura Infantil - Visão Histórica e Crítica**. 6.ed. São Paulo: Global, 1989.

COELHO, B. **Contar Histórias uma arte sem idade**. São Paulo: Afiliada, 2001.

FONSECA, R. C. V. **Metodologia do trabalho científico**. Curitiba: IESDE, 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

JARDIM, M. F. Critérios para análise e seleção de textos de literatura infantil. In. SARAIVA, J. A. (org.) **Literatura e Alfabetização: do plano do choro ao plano da ação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

KRAEMER, M. L. **Histórias infantis e o lúdico encantam as crianças**. Campinas: Autores associados, 2008.

LIMA, L. S. A. M.; TEIXEIRA, A. M. S. **Ensino da linguagem oral e escrita**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

RADINO, G. **Contos de fadas e a realidade psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

SANDRONI, L. C.; MACHADO, L. R. **A criança e o livro - guia prático de estímulo a leitura**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

SISTO, C. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 2.ed. Curitiba: Positivo, 2005.

VERGARA, S. C. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. São Paulo, Atlas, 2011.